da informação: economia, sociedade e cultura; v. 1. São Paulo: Paz e Terra, 1999.
MULLER, Sílvia Ambrósio Pereira. Tese (Mestrado) Inclusão Digital e Escola Pública: uma análise da ação pedagógica e da informática na educação. Porto Alegre, 2005.
BRASIL. Orientações Curriculares para o Ensino Médio. Volume 3: Ciências Humanas e suas tecnologias. Ciências humanas e suas tecnologias/ Secretaria de Educação Básica. – Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2006.

LEOPOLDO, Luís Paulo. Novas Tecnologias na Educação: Reflexões sobre a prática. Formação docente e novas tecnologias. LEOPOLDO, Luís Paulo-Mercado (org.). - Maceió: Edufal, 2002. Cap. 1 Leopoldo, Luís Paulo/Formação docente e novas tecnologias. 2004.
CASTELLS, Manuel Oliván. A Era da Informação: economia, sociedade e cultura. São Paulo: Paz e terra, 2001.

ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL A IMPORTÂNCIA DO POTENCIAL CRIATIVO PARA O DESENVOLVIMENTO INFANTIL

CLAUDIA CARBONELL SCHUBERT

RESUMO

A humanidade registrou por meio da linguagem artística suas experiências, sentimentos e emoções nas paredes das cavernas. A arte é a síntese da leitura e da escrita dos significados vividos pelos homens representados pelos símbolos, representa um elo para a humanização. A presente pesquisa pretende identificar a arte como instrumento no desenvolvimento das potencialidades criadoras da criança na Educação Infantil. O potencial criativo deve ser desenvolvido e cultivado por meio do acervo artístico construído pela humanidade. Ao contextualizar, apreciar o patrimônio artístico, o aluno terá o suporte para elaborar uma produção. O desenho infantil é recurso fundamental para expressividade das crianças, serve como catalizador de suas vivências, fantasias e pensamento, uma forma de expressar simbolicamente seus conhecimentos circundantes. Organizou-se os dados pelo levantamento bibliográfico, utilizando-se uma pesquisa exploratória e qualitativa. Considerou-se a linguagem artística e a expressividade das crianças, como um fator constituinte de sua personalidade e concluiu-se que devem ser enfocadas e exploradas como uma ferramenta efetiva para desenvolver as dimensões psíquicas e intelectuais na Educação Infantil.
PALAVRAS-CHAVE: Arte; Educação Infantil; Potencial Criativo; Criança; Desenho Infantil.

1 INTRODUÇÃO

A arte é uma linguagem essencial para se desenvolver na Educação Infantil, como meio de expressão para as crianças ampliarem o seu potencial criativo. Por intermédio da expressividade elas poderão expandir sua sensibilidade, percepção e imaginação, tanto na realização de formas artísticas, quanto na ação de apreciar e conhecer as formas produzidas por elas e pelos outros nas diferentes culturas.
No processo de aprendizagem em arte, a criança elabora um percurso de criação e construção individual. O prazer e o domínio para o fazer artístico decorrem da simbolização, ou seja, as leituras e as imagens que são construídas pelo pensamento. Os símbolos são apresentados para as crianças pelo mundo sociocultural em que está inserida. Para externar todas essas experiências, o desenho é a forma de expressão que possibilita à criança agir com autoria, criatividade e imaginação, além de estimular a autoexpressão.
Os professores, que trabalham na Educação Infantil, devem realizar uma proposta pedagógica, oferecendo situações, nas quais as crianças vivenciem oportunidade de apreciar o repertório de arte da humanidade, de suas próprias produções e de seus pares. Levar as crianças a criarem, produzirem suas próprias obras e refletir sobre elas é o papel da educação nesse momento.
Para que haja um desenvolvimento global, a proposta pedagógica terá que se sustentar em metas e ações, focando o desenvolvimento das capacidades intelectuais, sociais e emocionais dos educandos. Crianças, nesse período, devem ser estimuladas por vivências na rotina diária escolar, que propiciem um contato com a expressividade para resgatar seu mundo simbólico, seus sentimentos e emoções. Todos esses recursos materiais e artísticos oferecidos na escola irão auxiliar no autoconhecimento e formação da personalidade infantil.
A natureza metodológica do presente estudo se caracteriza pela pesquisa exploratória, em que o investigador buscou novas fontes com levantamento bibliográfico, fator que auxiliou na delimitação da temática. Procurou-se os dados em livros, revistas e em plataformas acadêmicas, caracterizam-se como uma pesquisa bibliográfica. Os dados foram abordados qualitativamente, pois se interpretou os fatos a partir do recorte realizado da temática.

Formulou-se como problema e questionamento: qual é a importância da linguagem artística na Educação Infantil? Logo após, levantou-se as hipóteses: a arte é uma linguagem expressiva da humanidade; a linguagem artística pode ser uma ferramenta eficaz para o desenvolver na Educação Infantil e o potencial criativo; o desenho infantil é um instrumento que deve constar na proposta pedagógica na Educação Infantil.

Para planejar a sistematização desse estudo delimitou-se elaborar como objetivo geral: identificar a arte como instrumento do desenvolvimento das potencialidades criadoras das crianças na Educação Infantil. Como objetivos específicos, analisou-se a arte na evolução do homem enquanto potencial criador; identificou-se a linguagem artística na Educação Infantil; e, por fim, analisou-se o desenho infantil como potencial criativo na Educação Infantil.

Em síntese, verificou-se que a linguagem artística é uma aprendizagem significativa para uma Educação Infantil que conceba a criança como todo. Por meio da expressividade, as crianças poderão se desenvolver globalmente em todas suas dimensões. Devem ser realizadas propostas pedagógicas que insiram Arte na Educação Infantil, dando-lhe seu devido valor, especialmente no que tange ao resgate do patrimônio artístico e cultural que o ser humano construiu em toda a sua evolução.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A ARTE PATRIMÔNIO CULTURAL DA HUMANIDADE

O homem desde a pré-história, no período Paleolítico, desenvolveu a arte como expressão. Traduzia suas representações nas paredes das cavernas, com figuras humanas ou animais. A expressividade surgiu nas primeiras culturas caçadoras. Marques (2016) identifica a arte como meio de comunicação. Nessas manifestações artísticas, observava-se mais caráter de sobrevivência do que de estética. Os povos primitivos viviam da pesca e da caça, temática que era configurada como fonte nos seus desenhos de alimentos, vestuários e animais. Da capacidade de observar o ambiente, o ser humano demonstrou suas ações criativas.

Godoy (1998, p. 57) exemplifica como era demonstrada as dimensões da arte no caráter mágico e intuitivo, afirmando que: “a arte estava intimamente ligada aos rituais que acompanhavam os fenômenos da natureza. A magia foi a primeira força intuitiva que levou o homem ao ato estético, visando à sobrevivência e à proteção, dado o ambiente hostil em que vivia”. A ilustração, a seguir, demonstra o repertório da arte rupestre nos desenhos e pinturas realizadas no interior das cavernas. Pode-se verificar, na figura 1, a expressividade em que a presença humana é realizada como uma forma de manifestação artística.

FIGURA 1 – PINTURAS RUPESTRES



FONTE: PORTAL DA ARTE, 2021.

Conforme Fischer (1979, p.28), a função primordial da arte ultrapassa o fazer mágico, pois ela é destinada a transformar o mundo, mas há resíduos de magia que pertencem à essência humana. Entretanto, para esse autor, “a arte em sua origem foi a magia, um auxílio à dominação de um mundo real inexplorado. A religião, a ciência e a arte eram combinadas, fundidas, em uma forma primitiva de magia, na qual existiam um estado latente, em germe”. O papel mágico da arte foi progressivamente se modificando de acordo com as relações sociais e se transformando na realidade social. Assim, a arte amplia o limite desses enfoques e caminha para o universo da fantasia. Deixa, dessa forma, uma marca de sua magia. O autor citado acima, Fischer (1979, p. 19), sintetiza “a arte é necessária para que o homem se torne capaz de conhecer e mudar o mundo. Mas, a arte também é necessária em virtude da magia que lhe é inerente”.

Para Marques (2016, p.3), as representações apontavam organizar a visão humana a respeito do seu domínio no mundo. Os animais eram personificados como benéficos e amedrontadores que simbolizavam os seus sentimentos. O homem sempre foi um “ser em processo”, em intercâmbio com o mundo a sua volta. Ele está em interação com o mundo, possui desejos e necessidades, que são demonstrados e revelados por meio do recurso artístico. O universo simbólico espelha o meio e as experiências humanas via atividade artística.

A arte faz parte do processo cultural em que o indivíduo está inserido. Todo seu desenvolvimento global, isto é, o conjunto de fatores intelectual, social e emocional são estimulados pelas vivências do coti-

diano e o contato com o simbólico. Oscila-se entre o real e o simbólico, contribui na convivência com os outros e o autoconhecimento. Duarte Júnior (1994, p.18) reafirma e aprofunda a ideia da arte fazer parte do patrimônio cultural da humanidade, ao colocar que:

Nela se expressam os sentimentos de um povo com relações às questões humanas, como são interpretadas e vividas em seu ambiente e sua época. Por meio da arte tem-se a essa dimensão da vida cultural não explicitamente formulada nas demais construções "racionais" (ciência, filosofia).

A arte possui um papel fundamental na vida das pessoas e na sociedade desde os primórdios da civilização. A arte se constitui de modos específicos de manifestação da atividade criativa dos seres humanos ao interagirem com o mundo, em que vivem e o seu cabedal de conhecimento. Para Ferraz e Fusari (1999, p.43), "os seres da natureza, bem como os objetos culturalmente produzidos, despertam em todos nós diversas emoções e sentimentos agradáveis ou não aos nossos sentidos e ao nosso entendimento".
A arte traz a referência do conhecimento para o entendimento sobre a vida da humanidade, seus costumes, crenças, inquietações e decadências. Por via do processo artístico, as imagens eternizam-se em emoções individuais e coletivos (dor, alegria, angústia, amor, ódio e outros). Visualiza-se a pintura e a escultura como manifestações primordiais do ser humano, concebidas como um espelho que oferece a compreensão do presente e do passado. Oliveira (2020, p. 2) descreve o processo do criar artístico, sugerindo "cada arte se desdobra com sua história. Cabe ao homem fazer a história da arte. Ele escolhe entre elas a sua parceria e desse casamento surgem as obras de artes".
Dessa forma, as obras de artes refletem o momento histórico, as visões de mundo e apresentam a "carga simbólica", demonstram concepções políticas, sociais, econômicas, inclusive a psicológicas inerentes à sociedade de cada época, observadas pelas influências de mitos, arquétipos, preconceitos e valores (OLIVEIRA, 2020).
A manifestação artística relaciona-se ao conhecimento científico, técnico ou filosófico no seu caráter de criação e renovação. Em qualquer dessas formas de conhecimento, o ato criador, em essência, estrutura e organiza o mundo, responde aos desafios que dele emanam num constante processo de transformação do homem e da realidade. O processo de ação criadora, a inovação, é resultante do acréscimo de novos elementos estruturais ou da modificação de outros. Regido pela necessidade básica de ordenação. O espírito humano cria, continuamente, sua consciência de existir por meio de manifestações diversas.
Criar é dar forma a algo "novo", qualquer que seja o campo de atividade, trata- se de novas coerências estabelecidas no universo. A arte, segundo Andrade (2000, p.33), "ao exteriorizar a intepretação-síntese da experiência pessoal" é a possibilidade de criar, recriar e estabelecer algo novo. Para ele, a expressão artística surge como resultado "das atividades conscientes e inconscientes de apreensão do mundo objetivo". Propõe que a arte poderia ser vista como uma linguagem, que auxilia a "ler" as experiências que os seres humanos vivem internamente, de modo simbólico, ao lidar com o mundo externo. Seria, dentro desse referencial, uma forma de expressão de conflitos decorrentes de situações vividas pelo ser humano dentro do universo sociocultural a que pertence.
Quando a pessoa se utiliza do processo de criação, o seu corpo, a sua percepção, os seus conceitos, a sua emoção e a sua intuição estão integradas em único momento. Jung (1989, p.34) chamou a atenção para dois movimentos básicos da consciência: um, de fora para dentro, que chamou de introversão; e outro, de dentro para fora, que denominou extroversão. As obras de arte mostram esses dois mundos, o interno e externo e a interação destes dois. Nesse movimento, as polaridades humanas, descritas por Jung, como sensação, pensamento, sentimento e intuição, podem ser expressas e integradas.
Criatividade é uma qualidade do ser humano. Embora em artes, muitas vezes pareça que exista um universo um tanto mágico, habitado por seres escolhidos pelos deuses, seres que possuem o dom de criador, todo indivíduo tem o germe deste potencial. É somente uma questão de grau de possibilidades, pois alguns produzem mais para determinadas expressões (desenhos, pinturas, esculturas, músicas) do que outras. Segundo Aranha e Martins (1986, p.375) o ato de criatividade:
pressupõe um sujeito criador, isto é, uma pessoa inventiva que produz e dá existência a algum produto que não existia anteriormente. [.] Imaginar é uma forma de inventar ou criar um produto. Portanto, esse produto da atividade criativa de um sujeito não é, necessariamente, um objeto palpável, mas pode ser uma ideia, uma imagem, uma teoria.

A existência humana construiu um patrimônio artístico por meio da síntese da leitura e da escrita dos seus significados vividos. A arte é a via de capacidade de se expressar por símbolos. Como um expressar humano, envolve todas as linguagens (instrumento de exteriorização, revelação e intercâmbio), possibilitando a captação e a interação entre o homem e o seu meio em busca do almejado equilíbrio.

O processo criativo, enquanto meio de construção de conhecimento da criança, é uma dimensão que a humaniza nas relações com o mundo que a cerca e a educação oferece esse caminho para sua descoberta.

2.2 A ARTE NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Lowenfeld (1977), um dos primeiros educadores a refletir sobre a temática arte e educação, descreve que as instituições escolares dão extrema importância aos conhecimentos informativos. Desrespeitam os aspectos da vida emocional e o crescimento das crianças em todas as dimensões. A educação é unilateral, pouco significativa nessa perspectiva. Um sistema de educação equilibrado, deve ser organizado para visar o desenvolvimento global dos alunos, precisaria criar um espaço de expressão de sentimentos, de pensamentos e da própria ampliação da capacidade perceptiva de todos os estudantes. Para se desenvolver o potencial criativo precisa desse conjunto de elementos desde que a criança entra na escola. Entretanto, esse cenário ainda não foi conquistado nas escolas da atualidade.

A Arte poderá fortalecer o elo entre o desenvolvimento emocional e cognitivo infantil e o leque de possibilidades de expressão do conhecimento da realidade circundante. A partir das atividades de desenho, pintura, modelagem e dramatização, os educadores poderão fortalecer o vínculo entre o mundo real e o imaginário do seu aluno. Do mesmo modo, a arte poderá agir como um catalisador das angústias, medos e inquietudes das crianças, dando vazão para liberar o potencial de ações criativas .

Em vista disso, arte e a educação dizem respeito à existência humana em toda a sua duração e em todos os seus aspectos. Os processos criativos e as potencialidades não se restringem somente à arte. Para que o seja visto, em um sentido global, como um agir integrado em um viver, a escola deveria ser concebida como um espaço de realização e concretização do ser. Um local de construção para os alunos na sua plenitude, nas suas relações consigo mesmo e com os outros, as atividades expressivas são alicerces para formação sólida de um potencial criativo. O estudo em Artes precisa contribuir para o processo pessoal de crescimento da criança. A organização do conjunto de conteúdo apoia-se em três eixos norteadores: produção, fruição e reflexão. A produção refere-se ao fazer artístico e ao conjunto de questões a ele relacionadas, no âmbito do fazer do aluno e dos produtores sociais de arte. A fruição refere-se à apreciação significativa de arte e do universo a ela relacionado. Tal ação contempla a fruição da produção dos alunos e da produção histórico-social em sua diversidade. A reflexão refere-se à construção de conhecimento sobre o trabalho artístico pessoal, dos colegas e sobre a arte como produto da história e da multiplicidade das culturas humanas, com ênfase na formação cultivada do cidadão. (BRASIL, 1997, p.41).

Embora tenham espaços próprios cada um com sua especificidade, assinala-se que os três eixos devem estar articulados nas práticas educativas. Necessariamente não é rígida essa ordem, seus aspectos contribuem muito para ampliação de conhecimento dos alunos. Portanto, constituirão linhas norteadoras para se desenvolver um trabalho para se explorar o processo criativo do aluno, acessando-se o conhecimento sócio-histórico do patrimônio cultural realizado pela humanidade.

A criança tem capacidade de “fazer o mundo” e ser o inventor da relação com o universo que o integra. Para ser criativa deve assumir plenamente a sua forma particular de se “perceber no mundo”, isto é, de se apropriar livremente e na eficácia da singularidade “imaginante” do seu ser. A pessoa criativa é aquela que simplesmente é se deixa ser (OSTROWER, 1977, p. 15).

Logo ao nascer, a criança passa a viver num mundo, que já possui uma história social de produções culturais como um fator importante para estruturação de seu senso estético. Na infância, há a interação com as manifestações culturais e seu ambiente. Dessa forma, aprende a demonstrar o prazer e o gosto, por exemplo, por músicas, movimentos, histórias, jogos, imagens e informações com os quais se comunica na vida cotidiana. A arte oferece um repertório cultural para que ela possa desenvolver sua formação artística e estética nas escolas e outras instituições sociais e culturais. O contexto escolar, entretanto, será o local efetivo para se vivenciar e entender o processo e apreciação artística.

A pesquisadora Almeida (1981) ao realizar sua pesquisa de campo no mestrado detectou que nas práticas das escolas públicas e particulares, a arte não tinha ainda um papel fundamental no aprendizado pedagógico, pois era utilizada como atividades para acalmar as crianças, atividades ligadas às datas comemorativas, aprendizagem de conceitos, estímulos para atividades de linguagem e treino de coordenação motora fina. Denota-se que já se passaram mais de quarenta anos desse estudo empírico, e ainda se observa nas salas de aula de educação infantil práticas, em que não se pode reconhecer estímulos para ampliar o potencial criativo das crianças. Reproduzem-se, na maior parte do tempo, uma proposta sem fundamentação teórica do real valor do processo artístico.

Reily (1989, p.45) ressalta que esse desconhecimento sobre os pressupostos teóricos não acontece por dificuldades dos profissionais em conhecer o currículo da arte; mas sim porque os educadores não entenderam “as fases do desenvolvimento cog-

nitivo, motor, socioeconômico da criança e de como tudo isso afeta seu desenvolvimento gráfico e em todo o processo criativo". Cabe, portanto, na formação continuada dos professores uma reflexão sobre essas dimensões e as possíveis intervenções.
Na atualidade, a arte espontânea do aluno está sendo repensada, pois pesquisas empíricas, realizadas por Iavelberg (2006, p.2), demonstram a importância de uma produção cultivada. Desde a infância, o percurso artístico é alimentado pela cultura e possui uma marca de subjetividade, em que fatores relevantes são abordados para o processo de aprendizagem na linguagem artística. Para se mediar a produção histórica de arte, dentro dessa abordagem, as escolas precisam promover as seguintes capacidades: "a participação do aluno no universo de arte em sua diversidade de maneira autoral e com o domínio de seus conteúdos. É na escola que a arte e a produção textual podem ser aprendidas de modo sistemático pela maioria das pessoas ". O espaço escolar deve fornecer espaço para o desenvolvimento cultivado da arte para estimular o seu potencial criativo.

A palavra "cultivada" possui como significado de cultura, ou seja, adubar, colher, semear. Nesse sentido, processo artístico passa pelas vivências culturais e conhecimento de habilidades para produzir conhecimento (IAVELBERG, 2006). Outro aspecto que se verifica com a palavra "cultivar", refere-se ao pressuposto de que é fundamental, que o professor ofereça uma proposta para semear os conhecimentos. Nesse enfoque, o trabalho do professor, metaforicamente, seria a semente a crescer e frutificar por parte dos alunos.
Na expressividade como na natureza existem alguns empecilhos em toda essa trajetória, para isso há necessidade do professor, ao trabalhar nesse enfoque, fazer interferências e novos planejamentos para que a criança amplie seu potencial criativo.
Para organização de um currículo, em que a linguagem artística seja um componente efetivo deve-se reunir aprendizagens significativas para que as crianças possam se apropriar de múltiplas linguagens, que foram construídas pelas manifestações artísticas por meio da expressividade humana. O potencial criativo que precisa da imaginação para alimentá-lo e desenvolver, em especial, por meio do jogo simbólico, todas as narrativas e histórias que poderão ser exploradas de várias formas como o desenho, a música e o teatro (SÃO PAULO, 2007).
Pode-se afirmar que arte é uma linguagem. No fazer artístico, o homem expressa e comunica seus significados por meio de um sistema simbólico, usado artisticamente "na vida das pessoas e na sociedade desde os primórdios da civilização, o que a torna um dos fatores essenciais de humanização" (FERRAZ E FUSARI, 1999, p.43).
A linguagem artística auxilia as crianças na amplitude de sua sensibilidade e capacidade e observar formas, cores, imagens e obras elaboradas por artista e por elas mesmas, um verdadeiro acervo de emoções que a constituem as como seres humanos. Para que haja a expressão artística, a pesquisa e a experimentação são elementos essenciais, como também a familiaridade com diversos materiais e processos que fazem parte de diferentes fazeres artísticos, acrescenta São Paulo (2007).
A criança na educação infantil já possui algumas formas de expressão. Cabe aos professores trazerem a linguagem artística como uma atividade lúdica, pois, ao explorarem o processo criativo, oferecerão o prazer e o desafio de experimentar diversos materiais (tintas, pincéis, diversos papéis, lápis, giz e muitos outros) para que o potencial criador das crianças seja aflorado e elas consigam expressar, via arte, suas emoções e sentimentos.

2.3 O DESENHO INFANTIL COMO REFERÊNCIA PARA DESENVOLVER O POTENCIAL CRIATIVO

Em seus primeiros anos de vida, a criança expressa a sua história, seus pensamentos e suas fantasia por meio do desenho. Ao desenhar, elabora a sua leitura de mundo por ser uma ação, que envolve todo o corpo, e que retrata suas marcas de produção e vínculo com a vida. Os sentimentos e suas percepções, nessa relação, são elaborados nessa manifestação artística. Ribeiro (2018, p.6) reflete que o desenho é o processo do resultado artístico, define-o como "uma obra dimensional composta por linhas e formas" e de formas de representação ou criação, que se utiliza de materiais específicos, como: lápis, pincel, tintas e outros suportes e recursos.
O desenho é uma forma de expressão para traduzir os conceitos elaborados sobre as experiências, objetos, pessoas, que fornecem indícios dos processos de significação infantil. Concebido como uma linguagem socialmente construída pelas crianças, conforme afirma Trindade (2011): o desenho é uma linguagem infantil criativa, que está vinculada à matriz sócio-histórica da psicologia do desenvolvimento, sua composição é elaborada com os símbolos culturais interpretados. Desse modo, é instrumento essencial de comunicação e de leitura para desenhar o registro do pensamento. Com esse instrumento a criança traz seus medos, suas descobertas, pois representa uma fonte catártica para expressar seus sentimentos.
Vygotsky (1998, p. 32) atribui "à atividade simbólica uma função organizadora específica, que pro-

duz formas fundamentais novas de comportamento e pensamento. Toda atividade opera com signos culturais motivados, repletos de sentidos". A partir, dessa contextualização, o ato de desenhar é puramente uma atividade simbólica. A cultura compõe o sistema de signos, que reestrutura o psiquismo da criança. Embora não se possa interpretar universalmente a produção pictórica infantil sem conexão da sua cultura, isto é, o desenho não pode ser interpretado como uma leitura "apriorísticos".

Verifica-se que o desenho como sistema de signos é representado por conceitos, gestos e acontecimentos. O mundo infantil espelha-se entre as entidades reais e as relações o meio. Assim sendo, os desenhos emanam conceitos construídos e vinculados às experiências que oferecem indícios no processo de significação infantil e com relação à temática elaborada pelas crianças no momento da criação.

Ao desenhar, a criança representa o sistema complexo das representações gráficas existentes no seu pensamento, a comunicação dos significados de objetos e os fatos que permeiam a realidade envolvente. Dessa maneira, o processo simbólico atribuirá os sentidos de julgamentos que são impressos nos desenhos infantis. Barbosa (1981, p.35) reflete que a partir da arte a criança faz "a representação simbólica dos traços espirituais, materiais, intelectuais e emocionais, que são caracterizados por meio da sociedade ou grupo social, o modo de vida, sistema de valores, crenças e tradições". Entretanto, observa-se que é a única linguagem, em que as crianças podem transmitir os seus significados e representarem seus sentidos.

Consequentemente, o desenho influencia diretamente o imaginário infantil. Meredieu (2017, p.26) ratifica-o como uma expressão da personalidade humana. "As análises infantis demonstram que sempre por detrás do desenho, da pintura e da fotografia, esconde-se uma atividade inconsciente muito mais profunda: trata-se da procriação e da produção no inconsciente do objeto representado". Cada traço, cor, forma e pressão do lápis possui um significado específico na interpretação do desenho. O desenho é o espaço, em que caminha a observação da criança, guiado pela memória aliada à sua imaginação. Por meio do desenho ela irá desenvolver: o processo gráfico (motricidade), as suas capacidades cognitivas e todo o seu conhecimento de mundo. Por trás do papel, ou outro suporte, estará a imagem das recordações há muito tempo guardadas na sua lembrança (MEREDIEU, 2017).

Martins (2017, p.4) reflete sobre a questão estética e define o desenho como: "todo traço linear ou de figura, realizado num suporte adequado, que expressa uma ideia estética". Os seus antecedentes estão pré-estabelecidos nas grafias rupestres e nas manifestações medievais. No Renascimento, o desenho aparece com a função de suporte. Historicamente, o desenho foi o fundamento da arte, as organizações das obras de artes se iniciam pelo estudo prévio por meio do desenho (RIBEIRO, 2018).

Na contemporaneidade, as escolas, segundo Iavelberg (2006), deverão trazer a concepção de desenho com a inclusão ao universo cultural, embora a sua autoria e protagonismo sejam reservados. No ato de desenhar, há um processo que aguça seu potencial criativo, pois por intermédio do conhecimento da realidade da criança, ao desenhar a criança reelabora seus próprios saberes. Ao dialogar com seus parceiros suas opiniões, desenhando suas experiências e ao compartilhar com o mundo, repensa suas próprias ideias, reelabora-as, avança e amplia seu conhecimento mais sólido e não perde sua marca pessoal expressa em sua criação.

Por conseguinte, a criança precisa desenhar "para ganhar a compreensão do mundo, ela desenha por que existe desenho no mundo" (IAVELBERG, 2006, p.6). Para assim, assimilar os níveis de conhecimentos, produção artística e estética dos desenhos de diversas culturas, tempos e lugares, que se mostrarão cada vez mais complexos, na medida em que a criança avança em seu desenvolvimento.

O ensino de arte deve propiciar situações para que ela vivencie as oportunidades de apreciar obras de artes, suas próprias produções e as de seus pares, criar e produzir suas obras, e refletir sobre elas. Iavelberg (2006) propõe o entendimento do desenho não por fases, mas por momentos conceituais, ao considerar além da genética do desenvolvimento cognitivo, as oportunidades educativas vividas pelas crianças na construção de seu conhecimento sobre arte.

O eixo do trabalho do ensino de Arte situa-se entre objeto de conhecimento e a relação que a criança estabelece com ele. A proposta do professor é o de promover situação de aprendizagem, em que as crianças coloquem no foco da aprendizagem seus conhecimentos prévios. A partir de uma situação-problema seja desafiada e incentivada a pensar o conteúdo e o conhecimento proposto. O desenho é visto como uma das linguagens da criança, cujo desenvolvimento depende das experiências de aprendizagem, que vivenciam.

Para desenvolver uma proposta significativa para os alunos, Iavelberg (2006) aponta três formas para favorecer a aprendizagem do desenho: desenhar muito e com frequência; realizar observação de desenhos de colegas e de produtos de desenho da comunidade e de outros artistas; além da realização de desenhos de imaginação, de memorização e de observação de outros desenhos, ou do mundo físico. Romani (2001) reflete sobre essa temática abordada por Iavelberg (2006) e argumenta que o ato

de desenhar é uma atividade aprendida e não inata. Para acontecer esse conhecimento, há necessidade das interferências dos professores, isto é, ações que eles fazem para modificarem o processo criativo da criança, que quando planejadas auxiliam no avanço de questões sobre a produção. Assim, poderá interferir de diversas maneiras nesse percurso. A seguir, será exposto dois desenhos nas figuras 2 e 3, em que se demonstram as intervenções realizadas por dois professores. A figura 2 demonstra um desenho de criança de 3 anos, em que se pode verificar que, mesmo nessa faixa etária, elas não reproduzem as imagens, mas percebem as formas geométricas da obra de arte. Já a figura 3, uma criança 5 anos, observar-se o desenvolvimento do processo realizado por muitas intervenções, pois a criança traz elementos ricos em detalhes no seu desenho. Na Educação Infantil, deve-se trazer recursos e suportes para as crianças avançarem nas suas observações e vivências dos desenhos para que desenvolvam seu potencial criativo.

FIGURA 2 – DESENHO: CRIANÇA DE 3 ANOS



FIGURA 3 – DESENHO - CRIANÇA DE 5 ANOS





FONTE: REVISTA AVISA LÁ, 2001. FONTE: ARQUIVO DA EMEI “NENÊ DO AMANHÃ”, 2014

Para ter eficiência na intervenção, cabe ao professor conhecer qual é o objetivo real da sua proposta pedagógica. Para ajudar as crianças aprenderem diversas intervenções são necessárias, tais como: quanto ao suporte, trabalhar com superfícies bi ou tridimensionais, questão do tamanho, espessura e textura, vários tipos de lápis, giz e outros materiais; quanto à forma, à ocupação do espaço, aos tipos de traço, ao colorido, à intensidade, à suavidade. Em vista disso, o educador organizará mudanças de estratégias para adequar diferentes caminhos para aprendizagens das crianças (ROMANI, 2001). Ao realizar esse estudo na formação de professores, Romani (2001, p.3) concluiu que a intervenção auxilia “a criança desenhar melhor, mas é preciso adequar a proposta ao tipo de trabalho gráfico em que ela vem se empenhando”. Observou que, nos desenhos das crianças, novos elementos foram criados pelos suportes oferecidos pelos professores. Logo, é necessário que se traga essa reflexão em formação continuada para os educadores, com o objetivo de planejar situações efetivas, com propostas que desenvolvam todo seu potencial criativo dos alunos, baseando-se em elementos da história da arte e outros recursos. A ênfase na Educação Infantil, em uma proposta pedagógica, que abarque a possibilidade da criança externar sua singularidade, por meio da expressividade do desenho infantil com uma aprendizagem significativa e contextualizada deveria, portanto, ser o foco para canalizar o potencial criativo das crianças.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A linguagem artística é um instrumento fundamental para se trabalhar na Educação Infantil. A criança, por intermédio desse conhecimento, irá ampliar o potencial criativo, visando a um desenvolvimento integralmente, pois a arte oferece subsídios para traduzir seus sentimentos, emoções e experiências. Para isso, entretanto, o espaço escolar deve promover o conhecimento de suportes e recursos para conhecerem o patrimônio artístico construído pela humanidade.

Deveria existir no espaço da Educação Infantil, a organização de uma proposta pedagógica planejada e incorporada pelos professores, que trouxesse os saberes do acervo cultural em arte para as crianças. Contribuiriam para que os alunos tivessem uma mediação de forma lúdica para reconhecerem diferentes culturas, conseguirem contextualizá-las, apreciá-las e produzirem suas atividades como um diálogo interno e externalizarem em suas produções artísticas um processo de humanização.

Vários estudos reconhecem que as primeiras manifestações artísticas das crianças são realizadas por meio do desenho, por ser a linguagem que desde os primeiros anos de vida expressa seus sentimentos, fantasias e pensamentos. Portanto, é necessário cultivar a linguagem artística como atividade na rotina diária dos alunos, pois é uma atividade

fundamental para ampliar as dimensões cognitivas, afetivas e psíquicas, desenvolvendo fatores que contribuirão para a formação de sua personalidade. A arte é a possibilidade de síntese da leitura e da escrita dos significados vividos e percorridos no caminho a existência humana, uma capacidade expressada por símbolos. O ato criador resulta-se como estrutura e organização das experiências realizadas no mundo. O contexto escolar, contudo, ainda não é um espaço de criação dessas manifestações artísticas. Verifica-se que as práticas pedagógicas são realizadas apenas para cumprir a rotina diária sem fundamentação teórica sobre os conhecimentos da linguagem artística. Trata-se de uma temática importante, com muitos pontos a serem estudados em formação permanente dos professores. Espera- se que o presente estudo traga a possibilidade de novas reflexões e investigações.

ABSTRACT

Humanity recorded its experiences, feelings and emotions on the cave walls through artistic language. Art is the synthesis of reading and writing the meanings experienced by men represented by symbols, it represents a link for humanization. This research aims to identify art as an instrument in the development of the creative potential of children in Early Childhood Education. The creative potential must be developed and cultivated through the artistic collection built by humanity. By contextualizing and appreciating the artistic heritage, the student will have the support to prepare a production. Children's drawing is a fundamental resource for children's expressiveness, it serves as a catalyst for their experiences, fantasies and thoughts, a way of symbolically expressing their surrounding knowledge. The data was organized by bibliographic survey, using exploratory and qualitative research. The artistic language and expressiveness of children was considered as a constituent factor of their personality and it was concluded that they should be focused and explored as an effective tool to develop the psychic and intellectual dimensions in Early Childhood Education.

KEYWORDS: Art; Child education; Creative Potential; Kid; Childish drawing.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, C. M. de C. Faz-se arte na pré-escola? Tese de mestrado da Faculdade de Educação UNICAMP, Campinas, 1981. Disponível em: http:www.lite.fe.unicamp.br/grupos/educacaoinfantil/. Acesso em: 23 jan. 2021.

ANDRADE. L. Q. Terapias Expressivas – Arte-Terapia, Arte-Educação, Terapia- Artística, São Paulo, Vetor, 2000.

ARANHA, Maria. Lucia. Arruda; MARTINS, Maria. Helena. Pires. Filosofando - Introdução à Filosofia, São Paulo: Moderna, 1995.

BARBOSA, Ana. MAE. Imagem no ensino da Arte: ano oitenta e novos tempos,
São Paulo: Perspectiva, 1981.

BRASIL, Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros curriculares nacionais: Arte, Brasília: MEC/SEF, 1997.

DUARTE JÚNIOR, J. F. Fundamentos Estéticos da Educação. São Paulo: Papirus, 1994.

EMEI, Nenê da Amanhã. Arquivo de fotos dos alunos, 2014.

FISCHER. Ernest. A necessidade da Arte. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.

FUSARI, M. F. de R; FERRAZ, M. H. Z de T. Metodologia do Ensino de Arte. São Paulo: Cortez, 1999.

GODOY, M.F.R. Educação artística para deficientes auditivos: uma leitura a partir da visão dos professores. Tese de Doutorado – Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo, São Paulo. 1998.

IAVELBERG. Rosa. O Desenho Cultivado da criança. In: CALVANTI, Zélia. (coord.). Arte na sala de aula. Porto Alegre: Artes Médicas. 1995

JUNG, C. G . A vida simbólica. Petrópolis, Vozes, 1998,vol. 2.

LOWENFELD, V. Desenvolvimento da Capacidade Criadora, São Paulo, Mestre Jou, 1977.

MARQUES, S. C. A arte rupestre. Disponível em: http://www.periodiocos.ufms.br. Acesso em: 15 fev. 2021.

MEREDIEU, F. O. Desenho Infantil. 12 ed. São Paulo: Cultriz, 2017.

PORTAL DA ARTE. A Arte rupestre. Disponível em: http://www. portaldearte.com.br/. Acesso em: 4 fev. 2021.

OLIVEIRA, L. M. C. de. Educação Infantil e criatividade. Tese de Doutorado. Centro de Ciências da Vida, Pontifícia Universidade Católica (PUC), Campinas, 2016. Disponível em: http://www.edu.br. Acesso em: 02 fev. 2021.

OSTROWER, F. Criatividade e processo de criação. Rio de Janeiro: Vozes, 1977,

REILY, L. Usos da Arte na Pré-escola: alternativas. In: CAMARGO. L. e outros. Arte- Educação da Pré--Escola à Universidade, São Paulo, Nobel, 1989.

RIBEIRO, J. Desenho Infância. São Paulo: Brasil, 2018.

SÂO PAULO, Secretaria Municipal da Educação. Orientações Curriculares e Proposição de Expectativas de Aprendizagens e Orientações Didáticas, Educação Infantil, São Paulo: SME/DOT, 2007.

TRINDADE, R. G. Desenho infantil: contribuição da Educação Infantil para o desenvolvimento do pensamento abstrato sob perspectiva da Psicologia